

A Agressividade Infantil e a Teoria da Conduta

LUIZ HENRIQUE MENDES DE CAMPOS*

RESUMO:

Talvez porque vivemos em um mundo onde somos testemunhas, de um modo constante, de acontecimentos violentos, as autoridades públicas não se têm mostrado presentes em um dos mais graves problemas da psicologia infantil: a violência escolar. O certo é que, durante muito tempo, os fenômenos da agressividade infantil, em geral, e a agressão dentro da escola, em particular, têm sido não somente tratados com pouco caso, mas, o que é pior, admitidos e até estimulados.

A agressividade tem sido estimulada no meio familiar e escolar cada vez que os pais e professores vêem como no "*legítimo direito do uso da violência*", o meio adequado para que os educadores se impenham sobre seus companheiros segundo a lei da agressividade que os adultos haviam engendrado: de tal maneira, as crianças haveriam de viver segundo o princípio originário que dá razão de ser a uma sociedade rigidamente autoritária: sobreviver ou perecer.

É daí que, quando uma criança procura na sábia autoridade dos adultos a proteção de uma agressão sofrida, não percebe normalmente outra coisa por resposta além da ação da luta, a Lei de Talião. Na sala de aula ou no ambiente escolar triunfa desta maneira a hierarquia da violência como forma autoritária, toda poderosa, da sociedade de massas, que se expressará na luta exterminadora da competição que converte o indivíduo em um ser dominante no mais profundo de sua personalidade.

A infância está alheia do mundo onde a violência é um fenômeno familiar. As crianças podem ser protagonistas de uma violência dirigida contra outros ou contra si mesmos mas sempre de baixo de dominador comum: a tensão do meio em que vivem, o chamado "*stress*", esta

* Professor da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC).

angústia ante a impotência de dar em cada momento a resposta que se **exige**. Trata-se de fatores que irremediavelmente conduzem ao mais **terrível** dos padecimentos psíquicos da criança, tanto na família como na **escola**; o medo. O medo os transforma em seres extrapunitivos, **agressivos** e violentos.

Há uma consciência absoluta por parte dos psicopedagogos em **admitir** uma das hipóteses fundamentais de nossos planejamentos, e é a **de** que o caráter agressivo de uma personalidade infantil pré-adolescente ou juvenil não se deve a outra coisa que o resultado de uma longa série **de** deformações pedagógicas, fruto da incompetência docente. Por outra **parte**, concluímos que estes "*erros pedagógicos*" são os grandes responsáveis pela repressão dos impulsos espontâneos do escolar; sabemos que cada impulso reprimido encontrará na agressão violenta seu **melhor** desafogo. Já se estabeleceu, como suficiente clareza, nos atuais estudos de psicologia social, *que uma sociedade violenta é uma sociedade frustrada, em conseqüência, um indivíduo com um elevado grau de frustração encontrará na destruição a compensação de suas infelicidades*. Por isso queremos assinalar que uma criança que tem fechada a porta de todos os seus impulsos não é precisamente uma **criança modelo**, mas sim, sob uma visão da psicologia moderna, *uma psicopata potencial*.

Consideramos, por outra parte, que as dificuldades ante a aprendizagem são em grande parte de índole psicológica e, portanto, "*a atmosfera ou clima de aprendizagem*" condiciona a este de uma maneira essencial. Atribuir somente à falta de capacidade as dificuldades de aprendizagem é um recurso cômodo que oculta uma série de fatores relativos à competência do docente, do ambiente escolar e às relações psíquicas metidas entre todas aquelas que rodeiam o sujeito que **aprende**.

Um ambiente de competitividade, de violência e de agressividade gera uma tensão psíquica que paralisa qualquer tentativa de desenvolver um processo adequado de aprendizagem. Estes fatores desestabilizadores do processo ensino-aprendizagem se detectam com facilidade em grande quantidade de centros educativos. A ignorância das questões que acabamos de mencionar conduz os responsáveis pela educação escolar a erros irreparáveis com os que obtêm resultados totalmente **opostos** aos desejáveis. Insistimos, pois, em que uma personalidade violenta é o resultado conseqüente de uma concepção pedagógica auto-

ritária que logicamente *produz homens agressivos e autoritários*. É sabido que somente quem está privado de algo é precisamente quem tem o impulso e o desejo de privar. A educação agressiva e autoritária tem privado o indivíduo, que agora é autoritário e violento, do necessário equilíbrio interno para que atualize suas potencialidades e sentimentos de solidariedade e cooperação. Situação que, por outra parte, se encontra reforçada por uma sociedade competitiva e igualmente não solidária.

A psicologia condutista outorgou rasgos e perfis próprios a um modo peculiar de entender o comportamento. Em virtude de suas reivindicações experimentais, a psicologia conquista no século XX sua emancipação da filosofia. Com Wundt e Feschner, os processos afetivos, volitivos e cognitivos da alma perdem espiritualidade para converter-se em elementos de análise dos novos laboratórios experimentais da psicologia moderna. Inicia-se, então, um longo processo, raramente impugnado, que vai outorgar à psicologia a categoria superior de *"ciência da conduta"*. Como tem sido entendido o fenômeno da agressividade humana por esta tendência, ainda atual, da psicologia, que secretamente se apresenta como a única psicologia possível? Consultando os trabalhos de Scott e de Lorenz, encontramos que a teoria da conduta atende, de um modo primordial, aos seus fundamentos fisiológicos; entendendo que as causas que provocam os estados agressivos nos seres vivos podem determinar-se facilmente observando as reações do organismo quando estas tenham sido condicionadas por determinados estímulos.

Os fenômenos da teoria da aprendizagem da agressão podem ser formulados segundo a terminologia do reflexo condicionado de Pavlov, ou na interpretação geral da hipótese que estabelece como únicos elementos observáveis aos esquemas estímulo-organismo-respostas.

A teoria da conduta pretende, ademais, ultrapassar os resultados da psicologia animal à humana, tendo em vista, que neste contexto, se supõe que os estímulos físicos similares, os organismos — sejam estes animais ou humanos — ofereçam, tal como se demonstra experimentalmente, respostas semelhantes. Nesta linha se apresenta a afirmação de Scott quando assinala que *"a origem e o controle da agressão são os pontos vitais da pesquisa de zoólogos e fisiólogos, do mesmo modo que de psicólogos e sociólogos"* (Desarrollo y Retraso Mental, p. 273). *"A hipótese de meus livros"*, continua Scott, *"é que os mais importantes resultados da atual pesquisa animal se acham relacionados*

com os feitos de conduta dos homens" (Dessarollo y Retraso Mental, p. 274). Sobre a base anteriormente citada, esquema condutista e de experimentos com animais, realizaram-se múltiplas experiências de laboratório, através das quais se tem chegado a interessantes conclusões. A partir destes estudos foram comprovados que os impulsos vitais frustrados conduzem a uma profunda sensação de insatisfação que produz uma forte tendência à luta. Entre todas as frustrações possíveis, é a dor que se apresenta como a que mais intensamente provoca uma resposta agressiva, tal como demonstram as experiências de Roger Ulrich em seu trabalho "*El dolor como causa de la Agresión*" e em "*Lucha y Huida em respuesta a la estimulación aversiva*".

O resultado destes trabalhos experimentais não é outro senão em insistir na comprovação da hipótese admitida, o que pode resumir-se no seguinte postulado de Ulrich: "*Nos animais, e verdadeiramente também nos homens, a conduta agressiva é uma imediata e natural conseqüência sistemática de dor*". (El dolor como Causa de La Agresion, p. 127).

"*Todas as minhas experiências com animais*", afirma Scott, "*mostram que a criatura não é má por natureza. Somente uma educação destrutiva pode conduzi-la a maldade*". (Desarrollo y Retraso Mental, p. 72). Portanto, do mesmo modo que os estímulos circundantes são a causa de que uma pessoa se comporte de um modo agressivo, também o caráter pacífico pode chegar a ser aprendido "*tanto nos homens como nos animais*". (Dessarollo y Retraso Mental, p. 73).

Scott considera que o meio ambiente feliz, tranqüilo e equilibrado dá lugar a costumes pacíficos, equilibrados. Se uma criança se habitua a não brigar, é pouco provável que atue desta maneira, mas para isso se necessita que os adultos mantenham uma atitude de não estimulação à luta. Também Z.Y. Kuo, em seus trabalhos "*Estudios acerca de los factores basicos en el animal luchador*", contribui para demonstrar a hipótese de que a agressividade, fundamentalmente se aprende.

APRENDIZAGEM FAMILIAR

Os resultados dos experimentos de Z.Y. Kuo consistiram em que, de 20 gatos jovens — que puderam observar como sua mãe pratica a caça a ratos — 18 se converteram em gatos caçadores. As atitudes comportamentais agressivas de sua mãe atuam como estímulo aos pequenos.

Mas, por outra parte, somente 9, entre os 20 que nunca haviam presenciado uma caça, mostraram tendências agressivas, o restante conviveu pacificamente com seus tradicionais antagonistas. O suposto processo inato do "*instinto de rapina*" parecia haver sido refutado pela hipótese de que o impulso de ataque era, em grande parte, o resultado de uma aprendizagem familiar.

Alguns behavioristas haviam admitido, no entanto, que o impulso agressivo, estimulado ou inibido, era co-natural do organismo.

K. Lorenz, em seu livro "*Sobre la agresión: el pretendido mal*" sustenta que esta é uma necessidade natural tanto dos homens como dos animais, tratando-se de uma inextirpável tendência integrante do instinto de proteção. Haveria, pois, uma tendência filogenética para a luta. Não há, para K. Lorenz, nenhum fundamento neurótico na agressão, muito ao contrário, trata-se de um alívio de tensões internas, de um impulso natural. No entanto, os impulsos agressivos podem apresentar-se no marco de uma dimensão psicopatológica real, tal como fizeram ver, em 1939, os componentes do grupo de pesquisadores da Universidade de Yale, Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears. Para eles, a agressividade se apresenta como um tipo de frustração específica no contexto de uma sintomatologia neurótica; por exemplo, na expressão agressiva da sexualidade ou em qualquer outra forma de comportamento violento.

Segundo o grupo da Universidade de Yale, a frustração depende de dois fatores:

1. Que o organismo se sinta empurrado à satisfação de um ato;
2. Que este ato tenha sido obstaculizado ou impelido por determinadas circunstâncias.

No pouco tempo de lançar sua Frustração-Agressão-Hipótese, foi necessário a introdução de uma importante modificação nos postulados. Não era possível deixar sem considerar as observações de que, uma frustração não seguia, necessariamente, uma agressão.

Amiúde se encontram com personalidade confusas que reagiram à experiências frustrantes, não violentamente, mas sim com uma depressão que podia canalizar-se sob formas diversas de comportamento: com resignação, auto-acusação, autodenúncia ou com sintomas psicossomáticos. O que agora se descobria era o fenômeno psicológico de uma agressão que castigava o próprio sujeito que a engendrava. A partir deste entendimento da agressividade, S. Rosenweig tipificou dois tipos:

o extrapunitivo e o intrapunitivo. O primeiro é o que desafoga sua tensão no meio em que o rodeia, procurando vítimas propícias mais débeis para descarregar nelas frustrações pessoais, mesmo que o segundo descarregue contra si mesmo; podendo dar, no sadomasoquismo, ambas as tendências. St. Milgran, em seus estudos sobre a conduta da obediência, sugeriu que o indivíduo médio era bastante propenso ao comportamento sádico sempre que ao poder justificá-lo, quando se obedece, por exemplo, este fique impune. Por outra parte, Dollar, Doob, Miller, Mowerer e Syers quiseram desenvolver uma teoria da agressão em termos de aprendizagem social.

RESUMEN

Quizás porque vivemos en un mundo donde somos testigos constantemente de sucesos violentos, las autoridades públicas no se han hecho presentes en uno de los más graves problemas de la psicología infantil: la violencia escolar. El hecho es que durante mucho tiempo los fenómenos de la agresividad infantil en general y la agresión dentro de la escuela en particular han sido tratados no sólo con negligencia pero, lo que es peor, han sido admitidos e incluso estimulados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COLL, C. *Psicología Genética y educación*; selección de textos sobre las implicaciones pedagógicas de la teoría de Jean Piaget. Barcelona, Oikos — Tau, 1981.
2. CARNOÏ, M. *La educación como imperialismo cultural*. México, Siglo XXI, 1977.
3. COOMBS, P.H. *La crisis mundial de la educación*. 3. ed. Barcelona, Península, 1975.
4. DOBZHANSKY, T. *Diversidad genética y igualdad humana*. Barcelona, Labor, 1978.
5. GUILFORD, P.B. "La creatividad". In: BEAVDOT, A. *La creatividad*. Madrid, Narcea, 1980, p. 19-34.

6. KUO, Z.Y. *Studios acerca de los factores básicos en el animal*. Barcelona, Ariel, 1980.
7. LORENZ, K. Sobre la agresión: el pretendido mal. *Educacion y sociedad*. Madrid, v. 2, 1981.
8. MILGRAN, St. *Psicoanalises y educación*. Barcelona, Nova Terra, 1980.
9. ROSENWEIG, S. "Análisis psicológico de las situaciones educativas" en *Psicología de la Educación — I*. In: DEBESSE, M & MIA? LARET, G. *Tratado de Ciência Pedagógica*. Barcelona, Oikos — Tau. 1976. v. 6.
10. SCOTT, S. & LORENZ, K. *Desarrollo y retraso mensal*. Madrid, Akal, 1980.
11. ULRICH, R. OGER. *El dolor como causa de la agresión*. 2. ed. Barcelona, Península, 1981.
12. ULRICH, Roger. *Lucha y huida em respuesta a la estimulación aversiva*. Barcelona, Ariel, 1980.